

Resenhas

MELUCCI, Alberto. *Challenging codes: collective action in the Information Age*. Cambridge, London: Cambridge University Press, University of Milan, 1996. 441 p.

Alberto Melucci é um autor cujas idéias, análises e falas já são conhecidas entre nós, não só pela circulação em revistas brasileiras — *Lua Nova* (Cedec) e *Novos Estudos CEBRAP* — mas também por palestras e orientação a alunos brasileiros, quando em Milão, por ocasião de doutorado-sanduíche. Seu pensamento fértil, criativo e provocador se encontra socializado no Brasil em disciplinas na área da sociologia e da psicologia da educação.

O livro em questão, escrito em inglês em sua primeira versão, representa um belo exercício de consolidação de abordagens anteriormente por ele desenvolvidas. Isso pode ser afirmado com certeza, uma vez que o próprio autor, quando de nosso contato pessoal em fevereiro de 97, recomendava essa leitura como uma síntese de seus trabalhos até então produzidos.

Trata-se de um livro dividido em 4 partes perfazendo um total 20

capítulos, cujo objetivo é convidar o leitor a uma reflexão epistemológica profunda, tendo como foco central a 'ação coletiva' frente ao processo planetário e informatizado de nossa civilização neste final de século.

Destaca-se, ao longo do texto, uma permanente preocupação: anunciar aos analistas do fenômeno da 'ação coletiva' que sejam cautelosos no uso de suas tradicionais categorias de análise. Estas, diz Melucci, podem estar carregadas de interpretações que colocam os movimentos sociais, novos ou não, dentro de uma perspectiva única, que enfatiza somente seu caráter reativo e conflitivo.

Tal argumentação fica exemplarmente fundamentada quando, nos primeiros capítulos, faz uma didática apresentação daquilo que entende por 'abordagem teórica da ação coletiva'. Como ponto de partida, propõe que o fenômeno dos movimentos sociais não seja analisado a partir de generalizações empíricas e sim a partir de uma mudança epistemológica. Em outras palavras, esta mudança proposta exige uma transformação radical da concepção que antes subentendia os movimentos sociais somente a partir da generalização empírica (a partir da perspectiva de 'reflexo' da sua existência objetiva). Sua proposta

passa também pela mudança no papel do observador-analista, exigindo que este realize um processo mais explícito e consciente de seu papel; que, ao construir seu objeto de conhecimento a partir da massa de dados disponível, seja mais ativo em usar suas ferramentas analíticas. Com isso Melucci requer do analista uma postura epistemológica de 'ruptura', no sentido de colocar sua compreensão dos movimentos sociais para além dos sistemas de conflitos onde ele é produzido. Tal proposta indica ser possível estudar movimentos de solidariedade dentro de sistemas econômicos antagônicos.

Convém lembrar que essa mudança de perspectiva, que em parte já tinha sido anunciada em seu artigo publicado na revista *Lua Nova* (nº 17), continua aqui presente. Entre outros tópicos, constatamos a utilização das categorias 'visibilidade e latência dos movimentos sociais'; estas se diferenciam daquelas tradicionais que enfatizam disputas por hegemonia, dentro e fora das organizações do movimento em si, bem como por conquistas do Estado. Para uma compreensão mais concreta dessas categorias o autor oferece, no capítulo 14, uma reflexão a partir do contexto de seu país, a Itália, onde são estudadas as

relações entre Estado e sociedade civil, a emergência de movimentos ligados à perspectiva da direita; as seitas fundamentalistas; as demandas pessoais sem vínculos diretos com mudanças sociais, etc.

Nos inúmeros autores citados, cerca de 769 obras consultadas entre artigos e livros (incluindo uma obra da pesquisadora catarinense, Ilse Scherer-Warren), o leitor irá encontrar um manancial de fontes que percorrem desde a fundamentação marxista (o próprio Marx, Hobsbawm), passando pela antropologia (como Geertz e Clastres), incluindo psicólogos sociais como Moscovici e Christopher Lash. Também encontram-se citações de sociólogos como Bourdieu e Giddens, abordagens culturais de Hall e Foucault, até cientistas políticos como Norberto Bobbio. Habermas e Elias também estão entre as referências, além de Sidney Tarrow e Alain Touraine, dois pesquisadores fortemente relacionados com o tema central: ação coletiva e movimentos sociais. Apresentamos esta breve listagem como uma pequena demonstração de mais essa qualidade que o livro integra: um embate de concordâncias, discordâncias e as aproximações entre diferentes origens teóricas dos autores referência. Isso, em parte, já estava explícito na sua entrevista publicada nos *Novos Estudos CEBRAP*, em que se referia à sua constante tentativa de fugir dos reducionismos do campo sociológico e do campo psicológico.

Em resumo, trata-se de um convite para que não se fique nas análises rápidas, pré-classificadoras e unidirecionais: a ação coletiva, que produz sujeitos concretos, pode estar presente nas ações de antagonismo bem como naquelas mais reativas por disputas de recursos e de

participação; pode estar nos movimentos com visibilidade mas, também, nas redes, nos *networks*; pode ser localizada nos tradicionais laços de solidariedade que unem famílias, vilas, raças, etc. bem como nos específicos interesses de ordem econômica e política. Pode, também, estar em mais de uma dessas categorias através do mesmo sujeito. As relações entre a sociedade civil e o Estado ficam revistas a partir dessa perspectiva analítica. Melucci procura chamar a atenção para os equívocos decorrentes da simplificação dessa análise quando a mesma privilegia toda ação coletiva na sociedade civil como devendo sempre ser politizada, no sentido de lutas, conquistas (Estado e organizações), deixando de lado as relações de poder presentes no cotidiano.

Além disso, por tratar-se de um trabalho sério, com equipe de apoio de pesquisadores do LAMS (Laboratório de Pesquisa em Mudança Social) da Universidade de Milão, pode-se retirar deste livro alguns ensinamentos básicos que servem para estudos transdisciplinares na área da educação:

- 1) a importância de um autor apresentar, de forma dialógica, suas construções analíticas ao longo de um texto científico;
- 2) a relação estreita entre comprometimento político e distanciamento crítico não como instâncias excludentes, mas necessariamente complementares;
- 3) inovação teórica combinada com sólida tradição de pesquisa de campo;
- 4) apresentação de texto crítico, profundo, sem desconstruir, com isso, contribuições de outros autores, ainda que evidenciando seus limites teóricos e suas repercussões práticas.

Para entendermos as relações entre sociedade civil e Estado; para entendermos as organizações desse Estado e dessas instituições; para entendermos os inovadores processos políticos de participação; para ousarmos nas abordagens transdisciplinares... este livro torna-se uma referência ética e estética. Ética porque segue princípios de respeito à diferença sem diluí-la num nihilismo qualquer e estética porque a linguagem do texto se produz bela em torno dos nossos tempos.

Nilton Bueno Fischer
Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professor Visitante da University of Illinois

FREIDENBERG, Judith (ed). *The anthropology of lower income urban enclaves: the case of East Harlem*. New York. Annals of the New York Academy of Sciences, v. 749, jun. 1995.

Um Seminário, realizado em 92, que discute "Etnografia urbana do bairro East Harlem", em Nova York, dá origem ao livro. Que razões, entretanto, existiriam para destacá-lo numa revista que trata de educação?

Talvez porque nele se encontram pistas para pesquisas na área, cujas abordagens se servem da contribuição das ciências sociais, em especial da antropologia e da sociologia. De um lado, se nelas já existe a aceitação de seu caráter transdisciplinar, faltam ainda etapas naquilo que se poderia denominar 'estudos de acompanhamento longitudinal'. Se observarmos a contribuição de antropólogos no Brasil, principalmente na década de